
Roberta Giannubilo Stumpf

Doutoranda em História pela
Universidade de Brasília

RESENDE, Maria Efigênia Lage de; VILLALTA, Luiz Carlos (Org.).

História de Minas Gerais: As Minas Setecentistas.

Belo Horizonte: Autêntica/ Companhia do Tempo, 2007. Vol. I (592p.)
e Vol. II (696p.).

Com a publicação em dezembro de 2007, pela Editora Autêntica conjuntamente com a Companhia do Tempo, de *As Minas Setecentistas*, nos vemos diante da original iniciativa de Maria Efigênia Lage de Resende, professora aposentada da UFMG, de trazer ao público a Coleção *História de Minas Gerais*. Pode ser estranho falar em originalidade em se tratando de uma proposta tradicional – apresentar uma história geral das Minas – mas não o é se lembrarmos que as obras dessa natureza remontam há 50 anos. Desde então, a historiografia mineira trouxe à cena novos temas, nova metodologia e demonstrou uma especial atenção às fontes primárias. Porém, uma síntese da história da região ficou por se fazer. Daí essa obra, que reúne a produção historiográfica dos últimos 30 anos, ser mais do que bem-vinda.

Essa primeira parte da coleção, em dois volumes, conta com a participação de 41 profissionais quase todos vinculados a instituições de ensino e pesquisa do Estado de Minas. A colaboração de tantos pesquisadores, em grande parte nomes de destaque na historiografia mineira, permite que as mais diversas áreas da história da capitania sejam exploradas para um período bastante extenso: 1674-1808. Novos temas são abordados e mesmo os tradicionais são tratados à luz de um revisionismo historiográfico. Os organizadores, Lage de Resende e Luiz Carlos Villalta, também professor da UFMG, ao optarem pela divisão da obra em eixos temáticos permitem que cada pesquisador se concentre nas suas áreas de pesquisa, apresentando, quase sempre, uma síntese de suas produções individuais, grande parte já publicada. No entanto, vale a pergunta: em que medida a colaboração de tantos nomes não dificulta que a obra tenha uma voz única, tal como encontramos nas histórias gerais produzidas há tantas décadas, as quais essa agora pretende "renovar"?

Na introdução desses dois primeiros volumes Resende se esforça para assegurar a organicidade da obra, como se a participação de tantos profissionais não compromettesse a sua unidade. De fato, algumas perspectivas analíticas permeiam todos os capítulos, como a recusa em entender a história das Minas colonial mediante a dicotomia colônia-metrópole ou mesmo de atribuir à produção aurífera uma hegemonia excessiva. A história da capitania é tratada com horizontes mais amplos daqueles que a restringem a uma parte da extensa colônia americana dedicada a enriquecer com o ouro os cofres reais. Há de se voltar para as suas singularidades, como sempre se fez, mas agora para evidenciar um dinamismo interno, não resultante, exclusivamente, das relações mantidas com Portugal ou com o mercado externo.

No entanto, é justamente nesse quesito, as peculiaridades da região, que os autores parecem se distanciar. É certo que o bilateralismo, outrora vigente nas análises, foi deixado de lado: as Minas já não são mais estudadas somente pelas suas particularidades ou, no extremo oposto, como um espelho do Reino. Como lembra um dos autores, o professor José Newton Coelho Meneses, "Minas Gerais é portuguesa, mas não é Portugal" (1º vol., p.378). Porém, ainda que os autores compartilhem da tese de que as características singularizantes coexistiam com aquelas que faziam da região uma colônia portuguesa, nem

sempre os temas trabalhados permitem evidenciar essa idéia. Pelo contrário, a coexistência se perde ao se privilegiar um desses aspectos.

Sendo assim, é as Minas singular que desponta nos capítulos dedicados à compreensão dos escravos ou naqueles relativos às questões produtivas, nos quais suas especificidades – como seu caráter urbano ou o predomínio numérico dos homens de cor – ganham destaque. A pesquisa sobre a mineração na capitania, por exemplo, dá embasamento para João Antônio de Paula, professor titular da Faculdade de Ciências Econômica da UFMG, afirmar que em Minas se desenvolveu "uma certa vida política e cultural em nada triviais no contexto colonial" (1º vol., p.378). Mas essa perspectiva é abandonada, por exemplo, no capítulo de Maria Beatriz Nizza da Silva, dedicado à formação de uma elite local mediante "o sistema de remuneração de serviços que caracterizou o Antigo Regime português" (1º vol., p.191). Aqui, evidentemente, o que importa frisar são as Minas portuguesas.

A questão, no entanto, é muito mais de ênfase do que de análises que se chocam. A singularidade das Minas está sempre presente, mesmo que nas entrelinhas, e quando está evidente já não é exageradamente exaltada, como na historiografia tradicional. Primeiro, porque a importância da história desta capitania não está somente no fato dela ser diferente. Afinal, todas eram portuguesas à sua maneira. Segundo, porque muito do que se dizia há 50 anos foi empiricamente refutado. Minas Gerais continua a se destacar por ter apresentado uma sociedade predominantemente urbana, com maior fluidez e possibilidades de ascensão social, mas tais características não a tornava democrática e passiva frente às qualidades que no Antigo Regime escalonavam os homens em degraus sociais. Minas é diversa, mas nem tanto, sendo preciso então reconhecer aquilo que a aproximava das demais capitanias e é isso que, com maior ou menor ênfase, procuraram os autores desta obra explicitar.

Não temos, então, a integridade da obra comprometida; ao menos nesse ponto. No entanto, outros acabam por prejudicar a sua unidade, esperada em qualquer publicação que se proponha a sistematizar o conhecimento. Primeiramente, uma falha editorial. As referências bibliográficas aparecem de formas distintas, o que demonstra que nem sempre as mesmas normas foram adotadas. Alguns autores citam as fontes historiográficas sem separá-las da documentação, isso quando há preocupação em mencioná-la. Evidentemente, que tal ponto poderá ser facilmente corrigido em uma segunda edição sendo, então, preferível passar a outros.

Ao dividir o livro em unidades temáticas, uma clara percepção da cronologia da história das Minas se perde e o século XVIII mineiro tende a se homogeneizar aos olhos do público leigo, desconhecedor dos distintos contextos vivenciados na capitania nesse período. Contextos que na visão da organizadora não impedem de tomar o Setecentos como uma época (1º vol., p.13), como se as permanências pudessem ser mais visíveis que as mudanças ocorridas nas Minas neste longo século que compreendeu, por exemplo, a descoberta de seu território, seu povoamento e a consolidação de uma nova sociedade, assim como o auge e declínio de sua principal produção, a aurífera.

Dessa vez são os próprios autores que vêm em socorro do livro: grande parte analisa seus temas tão específicos tratando-os cronologicamente, respeitando uma seqüência temporal, considerando os diferentes períodos desta longa época. Porém, mais uma vez, são os temas a oferecer os obstáculos, já que tal metodologia não pode ser adotada quando o objeto de estudo está restrito a um momento preciso desse "século XVIII e seus entornos" (1º vol., p.13).

Os atos de insubmissão dos vassallos mineiros correram todo o século e não há como discordar de Carla Maria Junho Anastásia que as Minas era "palco privilegiado de manifestações contrárias à política da Coroa Portuguesa" (1º vol., p.525.). No entanto, se o contrabando, por exemplo, foi uma prática constante, as "guerras, sedições e motins", título de uma das unidades, são especialmente relevantes para se entender a realidade mineira da primeira metade dessa centúria. Não é por outra razão que todos os capítulos dessa unidade analisam guerras e revoltas ocorridos até 1736, enquanto o ensaio de sedição de 1789 ganha uma unidade à parte, a última do livro. Nota-se, assim, que embora o Setecentos possa ser entendido como homogêneo, correspondendo em última instância ao período colonial, falar das Minas sem considerar as inúmeras variações ali sentidas no decorrer destes 150 anos é praticamente impossível, tanto assim que são essas o pano de fundo dos capítulos aqui apresentados. Essa conjugação de permanências e mudanças tornar-se-ia mais clara se a obra contasse com um capítulo introdutório no qual uma cronologia pudesse ser estabelecida *a priori*, sem que para tanto o leitor precise reunir informações dispersas no livro. Tarefa difícil aos poucos versados na História das Minas.

No entanto, o propósito de aproximar o público leigo do saber acadêmico, anunciado na introdução aos dois volumes, é respeitado em outros aspectos dessa obra. A preocupação em atrair os olhares pouco habituados nas livrarias às publicações de ciências humanas é facilmente notada nessa bela edição em capa dura, recheada de ilustrações, que se destaca nas prateleiras. O preço é pouco convidativo, mas quem puder arcar com ele se sentirá prestigiado com uma leitura fácil, avessa às questões teóricas e às notas de rodapé que se estendem ao infinito, comuns nas obras acadêmicas que afugentam os leitores não especializados. Mas há exceções que irão agradar o público acadêmico. O artigo de autoria de Marco Antônio Silveira (1º vol., p.147-168), um bom exemplo da historiografia mineira, destoa completamente, justamente porque propõe reflexões conceituais e se utiliza de longas notas e extensas citações de fontes primárias. Neste sentido, vemos que nem todos os artigos foram elaborados visando o mesmo leitor, dificuldade comum quando se deseja atingir públicos tão distintos.

De qualquer forma, mesmo os autores dos capítulos de maior acessibilidade revelam preocupação com o rigor acadêmico. O destaque dado à pesquisa documental é o melhor exemplo disso. São raros os colaboradores da obra que não se utilizam de fontes primárias, que não dêem destaque à análise empírica, como parece ser a tendência atual de nossa historiografia. Essa recorrência constante aos testemunhos de época tampouco compromete à clareza dos artigos, já que se buscou incorporá-los ao corpo do texto sem interromper o ritmo da leitura. Infelizmente, a reprodução de tais fontes nem sempre é acompanhada de uma análise que extrapole seu conteúdo mais imediato, que possa mostrar não só como se vivia, mas também explicar o porquê. Para se tomar um exemplo, a rica pesquisa documental apresentada por Flavio Marcus da Silva (1º volume, pp 359-376), em muito esclarece sobre os mecanismos de regulamentação do pequeno comércio pela Câmara de Vila Rica, mas pouco permite entender a relação dessa instituição local com o centro político, dentre outros tantos tópicos não trabalhados.

Um último aspecto merece aqui ser referido: se a proposta do livro é trazer ao público leigo de forma simplificada e cuidadosa as pesquisas acadêmicas mais recentes, que pesquisas são essas a que se deu atenção? Como já foi dito, muitos colaboradores há muito vêm realizando pesquisas

sobre os temas que mais uma vez lhes competem abordar, sendo natural, portanto, que se auto referenciem constantemente, e sejam também citados por seus pares. Trata-se de um saber já difundido, para além da Academia, porque grande parte dessas pesquisas já foi publicada. Porém, se o livro não traz grandes surpresas, no rico diálogo estabelecido com a historiografia tradicional ele revela a sua atualidade.

No entanto, ainda que os capítulos, em sua grande parte, sintetizem e simplifiquem um conhecimento já difundido, também aquele "originado de teses, dissertações e relatório de pesquisas" ganha "visibilidade", favorecendo assim que a publicação atinja um dos propósitos anunciados nas suas primeiras páginas (1º vol., p.14). Propósito mais do que justificado se lembrarmos que as Minas colonial é recorrentemente estudada pelos alunos de pós-graduação. Tais pesquisas, que representam o saber mais recente, estão citadas nas referências bibliográficas, em especial aquelas produzidas desde a década de 90 nas principais Universidades de Minas, São Paulo e Rio de Janeiro, embora em número muito mais reduzido do que as obras historiográficas já publicadas que, contam com a predileção dos autores.

Mas a visibilidade dada a tais pesquisas recentemente concluídas não é uniforme. Em algumas unidades, como por exemplo, as que se dedicam ao tema da ciência e do trabalho, ou à inconfidência mineira, elas sequer são mencionadas. Talvez o relativo desinteresse entre os novos pesquisadores pelo primeiro explique essa ausência, mas o mesmo não acontece quando o assunto em pauta é o ensaio de sedição. No capítulo intitulado *Lugares, espaços e identidades coletivas na Inconfidência Mineira* os autores não estão atualizados com o que é produzido nos departamentos de pós-graduação, levando-os a repetir análises há muito concluídas, que não são referidas. Na parte dedicada à contabilização dos vocábulos dos Autos de Devassa que denotam os sentimentos de pertencimento político, por exemplo, Luis Villalta e André Pedroso Becho não fazem menção à minha pesquisa de mestrado, defendida na Universidade de São Paulo há 7 anos, na qual utilizei a mesma metodologia para realizar tal contagem, chegando a conclusões muito aproximadas.

Obviamente que muitos dos pontos fracos da obra aqui mencionados só são tidos como tais porque a impedem de atingir os objetivos anunciados em sua introdução. Também reconhecemos que muito se deve à própria grandiosidade da publicação que reúne tantos pesquisadores, a trabalhar sobre temas tão diversos para um período tão extenso. A síntese da história das Minas deveria ser mais do que a reunião de pesquisas monográficas, as quais muitas vezes não preservam a riqueza analítica das pesquisas anteriores, agora condensadas em tão poucas páginas. Com tantos colaboradores, o espaço destinado a cada qual é insuficiente principalmente quando esses não podem deixar de abordar "o estritamente necessário".

Tais ressalvas não reduzem a importância da publicação desses dois primeiros volumes da coleção *História de Minas Gerais*. Afinal, ela apresenta o leitor com artigos de autoria de pesquisadores renomados, que primam pela clareza e pela investigação cuidadosa das fontes documentais. Aos que desejam aprofundar seus conhecimentos sobre as Minas colonial têm pela frente cerca de 1300 páginas onde encontrarão uma rica fonte de informação, que reflete a grande contribuição da historiografia mineira das últimas décadas. Não é pouco.